

O E S S E N C I A L S O B R E

Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

2.^a edição
revista e
aumentada



N I M P R E N S A
N A C I O N A L

O E S S E N C I A L S O B R E

Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

2.^a edição revista e aumentada

Índice

7 **Uma nova edição**

11 **Siglas de obras de Jorge de Sena**

13 **I**

35 **II**

63 **III**

81 **IV**

99 **V**

123 **Cronologia**

147 *Post-Scriptum*

149 **Bibliografia**

Uma nova edição

Uma primeira versão deste ensaio de interpretação crítica e biográfica, no sentido em que o poeta «nos interessa porque [a sua] obra [...] nos interessou primeiro» (CC, 21), saiu para o mundo no dia 4 de junho de 1987, por decisão comemorativa de Vasco Graça Moura, então diretor da Imprensa Nacional. A coincidência entre as datas de redação e de impressão, o mês de maio, tornou impraticável ver provas tipográficas, impossibilitando a correção de galhas e de falhas de composição.

Esse pequeno livro foi publicado quando não havia nenhum outro texto de apresentação global da obra de Jorge de Sena. Foi esse, então, o desafio, renovado nesta edição, revista e muito ampliada, para o centenário do poeta. Na primeira edição, o formato da coleção impunha restrições severas quanto ao número de páginas. Mas, seja qual for a dimensão do volume, pretender contemplar, num só olhar, por mais demorado que ele seja, tudo o que Jorge de Sena escreveu, e que é muitíssimo, ou

tão-só referir cada um dos textos que pensamos ser importantes para o esclarecimento ou a modulação de um determinado aspeto da sua multimoda obra, é um fracasso anunciado. Muitos poemas, contos e ensaios ficaram por comentar. E o contrário seria trair a própria ideia de incompletude que preside à poética do ensaio: um texto exploratório, de carácter especular, precário, aberto a prolongamentos e revisões. No fundo, um ensaio espera sempre outro ensaio, do mesmo autor ou não.

A grande novidade deste «essencial» remodelado talvez seja a centralidade atribuída à questão do exílio na configuração da obra de Jorge de Sena. É que, se há poeta do exílio na literatura portuguesa do século xx, e de todas as dimensões do exílio, esse é, seguramente, este. Como ele mesmo dirá, numa entrevista de 1968, em Paris, ao *Diário de Lisboa*, «eu sou uma espécie de exilado profissional. Eu acho que já o era em Portugal, antes de lá sair» (*E*, 83). Afirmação reiterada, dez anos depois, em Madrid, ao responder a um questionário para a revista *Abril*: «fui sempre um exilado mesmo antes de sair de Portugal em 1959» (*E*, 399). E um exilado é um oxímoro vivo, em que a ausência e a presença, da pátria e de si mesmo, coincidem. Por isso, o poeta se disse «sempre exilado, e sempre *presente*» (*PC*, 205), na vida e na literatura do seu país.

De 1987 para cá, dois acontecimentos alteraram o panorama dos estudos sobre Jorge de Sena. Em primeiro lugar, a vinda a lume de novas edições de textos seus, graças ao trabalho notável de Mécia de Sena, alargando imenso as vias de conhecimento da sua obra, da sua experiência de vida, e dos seus contextos literário, histórico, político, cultural.

Em segundo lugar, os estudos senianos cresceram, e alguns tornaram-se, também eles, essenciais para a compreensão da obra do poeta, ou de aspetos dela. No final do volume, uma bibliografia passiva, circunscrita aos textos impressos e publicados em livro, faz um registo desse *corpus*. Uma cronologia da vida e obra de Jorge de Sena complementa esta nova edição.

Ainda e sempre: a Mécia de Sena, esteja onde estiver.

2019, janeiro

I

Jorge Cândido de Sena nasceu no dia de Finados de 1919, em Lisboa, na freguesia de Arroios, filho de Maria da Luz Teles Grilo e de Augusto Raposo de Sena, comandante da marinha mercante (v. cronologia). A sua infância de «filho único e tardio», como ele mesmo dirá, sem amigos, salvo primos e primas, com quem raramente brincava, muito protegido pela mãe e com um pai largamente ausente, foi extremamente solitária. Com as devidas distâncias entre a ficção e a biografia, o conto «Homenagem ao papagaio verde» (*Os Grão-Capitães*), um dos mais belos da literatura em português, deixa entrever o ambiente dramático familiar, marcado, do ponto de vista da criança, por uma «solidão acorrentada». Numa entrevista de 1976, a um jornal de Los Angeles, o poeta confessa: «era um solitário [...], totalmente fascinado pelos livros» (*E*, 339), cuja leitura fora incentivada pela mãe e pela avó materna, a avó

Isabel, a grande figura tutelar da sua infância e juventude e «das pessoas de quem terei sempre saudade», como diz num pequeno e humorado texto memorialístico, «Castelos e outros objectos de influência» (*Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 20 de janeiro de 2009).

Isabel dos Anjos Alves Rodrigues Teles Grilo estivera como professora régia e inspetora das escolas no Huambo (v. o poema «Foi há cem anos, em Angola», de *Conheço o Sal...*) e regressara a Lisboa no início dos anos 20, passando a viver com a filha, depois de um acidente profissional do genro, que o afasta da vida ativa, em 1933. Matriarca da família, mulher extremamente organizada e metódica, tocava e compunha música, fazia versos, era, tal como a filha, uma premiada charadista, tinha lugar cativo no cinema Capitólio, assinava a revista *Cinéfilo*, era uma amante de literatura policial — tudo gostos que Jorge de Sena herda, incluindo o das palavras cruzadas. É ainda ela quem, atenta à vocação do neto, lhe oferece um caderno, quando ele parte para a viagem de cadete da Marinha, para lhe servir de diário, e lhe faz a datilografia, pois tinha máquina de escrever, do seu primeiro e inacabado romance, «A personagem total».

Maria da Luz Grilo de Sena é uma figura menos visível, mas igualmente determinante para o destino literário do filho. Condicionada pela dominadora ausência do marido, constantemente embarcado, e pelos valores da sociedade patriarcal do tempo, a mãe do poeta fora educada no colégio dominicano de Santa Joana, em Aveiro, onde o francês era a língua quotidiana, e onde permaneceria «como

monitora, para ajudar à educação das irmãs»¹, até ao casamento, em outubro de 1906, em Lisboa, com Augusto Raposo de Sena, que conhece num navio com destino a Angola, de visita a sua mãe. «Eu mesmo, na verdade — diz Jorge de Sena, em 1972, numa crónica de viagem a Angola e Moçambique —, vim a nascer des[s]as Áfricas — sem elas, minha mãe, voltando dos metropolitanos estudos para Angola, menina e moça e ruiva, não teria conhecido a paixão romântica e brutal do capitão de navios, jovem e de bigodes retorcidos, que foi o meu pai» (*RP*, 205). Segundo Mécia de Sena, Maria da Luz sempre encorajou as atividades literárias do filho, ainda que a ocultas do marido e da família, e apesar das suas dificuldades de afirmação num contexto dominado pelas figuras autoritárias dos militares de ambas as famílias, a sua e a do marido. A educação musical de Jorge de Sena, impulsionada pela mãe, e sua «única manifestação de teimosa independência» (*GC*, 39; «Homenagem ao papagaio verde»), era motivo de discórdia familiar. Como o próprio recorda, em «Castelos», acima citado: «Aprendia piano em especial e música em geral, e compunha improvisos com muitos acordes e dissonâncias, de êxito revolucionário nas reuniões de família ou afins, com exceção do ramo familiar paterno, que achava impróprios destes tempos modernos [...] e da dignidade social tais (como outros) devaneios artísticos, que minha mãe apadrinhava e faziam as delícias de um papagaio verde que eu

¹ Mécia de Sena, «Notas bibliográficas», in Jorge de Sena, *Diários* (2004), p. 268.

tinha, que andava solto pela casa, com terror de toda a gente por ser uma fera» (o paralelo com o conto autobiográfico é manifesto).

Na família de Jorge de Sena, a tradição militar remonta ao general Manuel Joaquim Raposo, um dos «Bravos do Mindelo». Um tio materno, o tenente Mário Teles Grilo, foi o primeiro oficial português morto na Grande Guerra, com retrato e descrição do seu heroísmo na imprensa, nomeadamente na *Ilustração Portuguesa* (n.º 593, de 2 de julho de 1917). Outro tio materno, o alferes Jaime Teles Grilo, que o sobrinho há de transformar na personagem do tio Justino, de *Sinais de Fogo*, foi prisioneiro na Grande Guerra, tendo escapado ao campo de internamento alemão, em circunstâncias rocambolescas. Um tio paterno, o engenheiro António Maria de Sequeira, seu padrinho de batismo, e substituto do pai, nas ausências deste, esteve mobilizado em Inglaterra. O próprio pai, enquanto oficial da marinha mercante, comandou transportes de tropas, armas e munições para França, o que lhe deu direito a ser sócio da Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

Como comenta Mécia de Sena, cujas informações registamos, embora Jorge de Sena só viesse a nascer depois da Grande Guerra, ela foi, por certo, «um acontecimento sempre pronto a entrar na conversação», numa casa em que estavam ainda tão vivas «as memórias de heroísmo, sofrimento e luto»². Esta faceta militarista da família não impede

² Mécia de Sena, «Notas bibliográficas», in Jorge de Sena, *Diários* (2004), p. 267.

que encontremos, na sua biblioteca juvenil, livros oferecidos pelo pai e pelos tios, nem pressupõe que Jorge de Sena não tivesse podido aliar a carreira das armas à vocação das letras. Mas parece certa uma clara divisão entre o lado feminino e o lado masculino da família, entre o destino das letras (e da música) e o das armas. O facto de Jorge de Sena ter tido necessidade de se proteger, no início, sob o pseudónimo Teles de Abreu³, é revelador desse conflito, e o seu fascínio por poetas como Camões, Garcilaso de la Vega ou Vigny, a alta consideração em que tinha António Sérgio, Jaime Cortesão ou João Sarmiento Pimentel, se tem relação com as qualidades diversas das respetivas obras, tem muito que ver com a aliança entre as armas e as letras, tão renascentista, e com a dupla vida de poeta e marinheiro, que romanticamente sonhava e que lhe haveria de ser tirada.

Jorge de Sena cedo se tornou um ávido leitor, e detentor de uma crescente biblioteca, encontrando nos livros um universo de ficções com que habitar o vazio da sua vida de relação⁴. Após os estudos primários, iniciados em 1926, no Colégio Vasco da Gama, transfere-se, em 1932, para o Liceu de Camões, onde termina os estudos liceais, em julho de 1936, e começa, desde o final do liceu, a escrever

³ O primeiro apelido vem do avô materno, João Teles Grilo, e o segundo da bisavó paterna, Maria Victoria d'Abreu.

⁴ V. Jorge Fazenda Lourenço, «Para um retrato de Jorge de Sena enquanto jovem leitor. Uma reconstituição da sua biblioteca até 1942, precedida de algumas observações», *O Brilho dos Sinais: Estudos sobre Jorge de Sena* (2002), pp. 197-305.

O livro **O ESSENCIAL SOBRE**
JORGE DE SENA
é uma edição da
IMPRESA NACIONAL
tem como autor
JORGE FAZENDA LOURENÇO
design e capa do ateliê
SILVADESIGNERS
revisão e paginação da
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA.
Tem o ISBN **978-972-27-2761-7**
e o depósito legal **452 372/19.**
A segunda edição revista e aumentada
acabou de ser impressa no mês de **MAIO**
do ano de **DOIS MIL E DEZANOVE.**
CÓD. 1023209

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**
IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
prelo.incm.pt
editorial.apoiocliente@incm.pt

O E S S E N C I A L S O B R E

Jorge de Sena

Jorge Fazenda Lourenço

Poeta, ficcionista, dramaturgo, ensaísta, tradutor, crítico literário, teatral e de cinema, interventor político e cidadão do mundo, Jorge de Sena é uma das figuras centrais da nossa cultura e da literatura do século XX. A sua obra pode ser entendida como uma forma de dar *testemunho* de si mesmo e da sua circunstância, marcada por uma sobreposição de exílios e ancorada na observação, meditação e rememoração de uma experiência de mundo onde as diversas artes representam as *metamorfozes*, no plano da história humana, de uma *peregrinação* secular em que a sua vida se inscreve. (JFL)

ISBN 978-972-27-2761-7



9 789722 727617